

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR E GÊNERO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Psic.Zélia V. Q.Bakargi(1); Prof^aDr^a Zaira de Andrade Lopes (1); Monica Renata Dantas Mendonça(2)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, secmespsi@ufms.br

Resumo

Este artigo apresenta os resultados iniciais da pesquisa intitulada “Acadêmicos de cursos de licenciatura/UFMS e sua representação social sobre a violência escolar entre meninas”, tendo como objetivo geral analisar as representações sociais dos licenciandos sobre a violência escolar entre meninas, na perspectiva das relações de gênero, e como objetivo específico primeiro a análise de teses, dissertações e artigos que contemplem a violência escolar sob o enfoque de gênero na formação de professores, visando apreender a incidência e os diferentes modos de abordagem desta temática. Para tal, nosso levantamento abrangeu 5 (cinco) bancos de teses, dissertações e artigos – Scielo, Capes, BvsPsi e UFRGS- com a utilização dos descritores formação+professores+violência+gênero e, num segundo momento, apenas formação+professores+violência, devido à escassez de resultados na primeira busca. Nosso referencial teórico para análise dos dados foi a psicologia histórico-cultural para compreensão do processo formativo docente e os estudos sobre violência de Hannah Arendt, entre outros, para buscar conceituar e definir a violência e os temas relacionados. Concluímos por meio da análise das teses, dissertações e artigos levantados que muito se produziu sobre violência escolar na formação, e pouco sobre a necessidade da discussão sobre violência escolar e gênero na formação de professores, e que os relatos nas pesquisas selecionadas revelam a sensação de insegurança dos docentes e licenciandos relacionada à carência de discussões que viabilizem reflexões e possibilidades de enfrentamento e compreensão das manifestações de violência entre meninas no espaço escolar, abarcando toda complexidade deste fenômeno cuja essência em muito se difere da aparência.

Palavras-chave: violência escolar, gênero, formação de professores.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1. Introdução

O presente estudo traz os resultados iniciais da pesquisa intitulada “Acadêmicos de cursos de licenciatura/UFMS e sua representação social sobre a violência entre meninas”, cujo objetivo geral é analisar as representações sociais de violência escolar entre meninas na perspectiva das relações de gênero. Em sua primeira etapa a referida pesquisa teve como objetivo específico analisar teses, dissertações e artigos que contemplassem a violência escolar sob o enfoque de gênero na formação de professores e verificar a incidência da temática assim como a formas como tais estudos têm se conduzido.

O número de casos de violência entre meninas, divulgados pela mídia, tem aumentado de forma preocupante, sobretudo pela gravidade destas agressões e pela forma como são enaltecidos e valorizados em certos círculos e, diante disso, é fundamental conhecer como tais aspectos da realidade escolar têm sido introduzidos na formação de futuros professores.

Ainda que as políticas públicas estabeleçam conteúdos que contemplem questões de gênero na formação de professores, a prática tem demonstrado a insuficiência destas discussões e tem revelado a urgência de uma maior atenção quanto ao papel das instituições na formação das identidades de gênero. Nosso ponto de partida é a concepção de que os fenômenos de violência de autoria feminina nas escolas pode representar uma tentativa resgate de poder nesta sociedade que naturaliza a condição de fragilidade e submissão destinada às mulheres.

2. Metodologia

Nosso primeiro contato com os textos ocorre através da leitura dos títulos e posteriormente de seus resumos, compreendendo os mesmos como uma realidade com certa autonomia, conforme Ferreira (2002):

Cada resumo deve ser lido e analisado numa relação de dependência com o trabalho na íntegra, mas também enquanto realidade relativamente independente, produto de uma tensão construída na continuidade e na ruptura com o trabalho que lhe dá origem, numa relação dialética entre os gêneros, entre as condições de sua produção e práticas discursivas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nossa preocupação não se ateve apenas à compreensão de cada resumo, seus alcances e limitações, ou na apreensão daquele conhecimento produzido, mas também nas relações entre todos os trabalhos selecionados e na busca pelo não dito, nas ausências reveladas.

Estabelecemos como critério que a abordagem deveria referir-se à temática violência, especificamente na formação do professor, excluindo estudos sobre o fenômeno da violência escolar sem estar relacionada ao processo formativo docente. Optou-se pela divisão dos trabalhos em sub-temas, subjacentes ao tema central, o que esclarece os diferentes enfoques presentes nas produções que tratam da referida temática.

O período adotado compreendeu os anos de 1994 a 2014 inclusive. A definição da escolha de descritores para o levantamento dos dados, ou seja, da busca em periódicos e textos a serem analisados, mostrou-se um processo bastante complexo e nos redirecionou logo de início a uma busca mais ampla, envolvendo violência em geral. Isto ocorreu por não termos encontrado resultados na busca mais específica, violência de gênero na formação de professores, sendo que os resultados com esses descritores apontaram majoritariamente para estudos sobre violência sexual e violência doméstica contra a mulher.

Utilizando os descritores formação+professores+violência+gênero: nenhum (0) resultado foi encontrado no banco de dados Scielo, 2 (dois) resultados no Banco BDTD referindo-se à “violência sexual contra meninas”, no Bvs-Psi 1(um) resultado abordando as “políticas educacionais na América Latina”, no Lilacs 1(uma) referência a “interações violentas na escola primária” e 1 (uma) referência à “saúde sexual”, no tocante à saúde pública.

As etapas desenvolvidas na pesquisa foram as seguintes: a) busca em bancos de teses, dissertações e artigos científicos, sendo que as principais bases de dados pesquisadas foram SCIELO, BDTD, BVS-PSI/LILACS, UFRGS com os seguintes descritores: Formação, Professores, Violência, Gênero e num segundo momento Formação, Professores, Violência. Em todas essas buscas foram utilizados como filtro o país da publicação (Brasil) e o idioma (português). Outros critérios utilizados foram: a) periódico produzido no Brasil; b) publicado num período



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

compreendido entre 1994 a 2014; c) ser publicação da área de educação/psicologia/saúde; d) estar ligado à instituição de ensino superior, ou a outras instituições, inclusive editoras, desde que com caráter acadêmico. No primeiro levantamento obtivemos uma listagem de 1612 trabalhos relacionados, sobretudo, às áreas de educação e psicologia, sendo selecionados finalmente 47 trabalhos.

3. Análise dos Dados

3.1 Propostas de ação pouco eficazes X insuficiência de propostas

Uma das questões abordadas se referiu às ações cogitadas (na formação) para o enfrentamento da violência, sendo que as mais mencionadas foram os programas de sensibilização, de promoção de habilidades sociais e promoção de atividades de cunho religioso, pois “(...) as professoras associam as violências à falta de uma doutrina religiosa e fazem trabalho de evangelização como prevenção”.

Pudemos verificar o relato de futuros profissionais expondo sua sensação de vulnerabilidade e insegurança, não apenas pela probabilidade de serem alvo da violência, mas porque destes se espera que tenham conhecimento e habilidade para lidar com eventos de incivilidade, indisciplina, bullying e outras manifestações de agressividade. E eles não estão preparados. Vemos em COSTA (2009) um relato da incoerência teoria e prática:

Expomos como resultados da pesquisa que a discussão sobre a violência na escola é uma preocupação dos licenciandos e, portanto, uma necessidade formativa, assim como verificamos que ainda é muito presente, na realidade estudada, o dualismo teoria e prática, sendo necessária uma formação que possibilite aos licenciandos a superação deste dualismo que tanto prejudica a relação ensino-aprendizagem.

Ainda que dominem o conteúdo a ser ministrado, as experiências que vivenciarão vão além do conhecimento teórico sobre determinada área do conhecimento, como nos diz Debarbieux e Blaya (orgs) apud Royer (2002, p. 252): “Sejamos claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não é mais suficiente para educar os jovens que hoje freqüentam nossas salas de aula.”



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Não subestimamos a importância de conhecer a gênese deste fenômeno, mas a gravidade dos fatos exige que nos mobilizemos paralelamente aos estudos, intensificando discussões na formação o mais prematuramente possível, desde os primeiros anos dos cursos de licenciatura. Sobre isso Debarbieux e Blaya (orgs) apud Royer (2002, p.253):

(...) nosso conhecimento sobre as raízes da violência entre os jovens é relativamente bom. O que é urgente é intervir: formar melhor nossos educadores para evitar a violência na escola e lidar melhor com ela.

Quando as atitudes violentas no ambiente escolar são debatidas, o discurso deverá apresentar-se uniforme ao classificá-la como recurso inadmissível em qualquer esfera, inclusive na vida familiar. A temática que trata da violência permitida (quando tais atos são emitidos por autoridades como os pais) ficou clara em alguns trabalhos como Almeida et al (2006), encontrado em nosso levantamento:

Os resultados apontam contradições e ambivalências entre os sentimentos e as atitudes dos professores em relação ao fenômeno. Indicam, ainda, que a representação social da violência intrafamiliar, para grande parte dos sujeitos, ainda passa pela consideração do poder da autoridade paterna/familiar, que dá direito aos pais de educar seus filhos como melhor lhes convier, indicando a necessidade da capacitação de professores, no âmbito da formação inicial e continuada, para lidar adequadamente com a problemática da violência intrafamiliar, no cotidiano escolar.

Para Dobriankyjet al (2004), disciplinar envolve orientar uma criança para que desenvolva seu autocontrole, defina limites e ofereça um repertório de comportamentos adequados dos quais ela possa lançar mão em situações limite, assim como corrigir atitudes consideradas inadequadas naquele meio. Também é possível, pela disciplina, segundo este autor:

encorajar a criança, ajudá-la a desenvolver a sua auto-estima e sua autonomia, ou seja, prepará-la para enfrentar o mundo sem que precise emitir comportamentos simplesmente para evitar as punições e aprender que a coerção é uma solução inaceitável para a resolução de problemas. A questão da punição, como estratégia disciplinar, ultrapassa o conhecimento da ciência e chega à ética.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Os caminhos possíveis quanto as estratégias disciplinares devem invariavelmente considerar o diálogo associado a uma escuta atenta a partir da qual poderão ser estabelecidas as ações mais adequadas, com base no respeito, na ética e, por que não, no afeto.

3.2 Limites das ações educativas

A escola e seus agentes têm muitas possibilidades na trajetória pela compreensão e pelos redirecionamentos dos impulsos de violência manifestados por nossos jovens, mas certamente não poderá, isoladamente, lidar com esta realidade, como um única salvadora. Neste sentido, uma das temáticas encontradas em nossa pesquisa tratou dos limites da ação educativa, mesmo em casos em que a formação docente contemplou a violência escolar a contento, como em PEREIRA e GIOIA (2010):

Uma intervenção, como a proposta, pôde alterar o comportamento do professor de consequenciar adequadamente o comportamento de seu aluno, mas o relato do que ocorreu em sala de aula, continuou o mesmo, após a preparação do docente

A dimensão do tema, que a princípio pretendíamos discutir associando a temática de gênero à violência escolar, surgiu timidamente no tema que revelou a necessidade das discussões de gênero, violência doméstica e cidadania, manifesta pelos educadores, conforme trecho do resumo STROMQUIST (2007):

Numa perspectiva feminista, a autora enfatiza que é necessário que a qualidade ultrapasse a questão do acesso e inclua o tratamento igualitário de meninas e meninos na sala de aula, bem como um conteúdo curricular que despolarize o conhecimento das identidades de gênero que afetam o cotidiano das pessoas, tais como educação sexual, violência doméstica e cidadania.

Nesta temática, nosso ponto de partida são as políticas públicas em educação, fundamentais para que se instituem paradigmas de ação na rotina escolar, visto que a escola é uma das importantes responsáveis pela construção de identidades de gênero.

As discussões são essenciais e partem da necessidade de definições destas temáticas, mas em relação à violência, existe grande dificuldade em defini-la, e compreender este fenômeno é essencial para a construção de intervenções, segundo Macedo e Bonfim apud Abramovay e Castro (2008, p.185):

a pluralidade de abordagens contribui para que não exista um consenso em relação ao que se define como violência. (...) Referem-se ao respeito à integridade física do indivíduo; a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

igualdade perante a lei; à liberdade de pensamento e convicção; ao direito de não estar sujeito à vontade de outrem; aos direitos coletivos (associações, cooperativas, etc.), sociais (saúde, educação, lazer), aos direitos nas relações privadas e aos direitos às diferenças referentes às categorias de gênero, de geração, de etnia/raça, de opção política.

3.3 Violência simbólica e representações sociais da violência

Outra temática encontrada tratou da crença numa maior incidência de violência simbólica, em relação às demais “violências”. Esta forma de violência, cujo conceito foi criado por Pierre Bourdieu, descrevia a forma como a classe dominante economicamente inflige sua cultura aos que estão submissos a ele.

Após tratarmos brevemente da violência simbólica, passaremos a discutir as representações que, em filosofia, são uma entidade que está por outra entidade, isto é, uma coisa que está por outra coisa. Semelhante ao simbolizar, o modo de ser da representação é o *estar por*:

No entanto, no caso das representações sociais, nos referimos ao conceito de Moscovici (2003, p.21), segundo o qual as RS são como uma codificação, com fins específicos:

“Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo, e em segundo lugar possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social”

As representações sociais geradas na apreciação da violência se referiram às causas ou medidas de contenção, ao enfrentamento através da busca de um único culpado, à exclusão do agressor como a solução dos problemas, crença de que os atos violentos estão invariavelmente relacionados a um lar violento e a não inclusão da escola no processo de produção da violência, conforme LOBATO (2006):

Os professores concebem a violência como algo que tem origem extramuros escolares. Sendo assim, famílias, estrutura sócio-econômica, desemprego, mídia, gangues, bairro violento e regime de ciclos se alternam como possíveis causadores da violência escolar cotidiana



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Felizmente, não se tratam de quadros estáticos e podem ser modificados por ações combinadas em vários ambientes sociais, pois, conforme Lopes (2009, p.223): “não há representação que não mude, não existe significado que não seja alterado, visto que os seres humanos estão em constante transformação.”

3.4 As relações na escola e a violência escolar

Uma das temáticas também apontou os sentimentos gerados durante formação, quando esta não proporcionou discussões suficientes sobre a questão da violência, ou os sentimentos de inadequação à profissão (pelos muitos desafios inerentes às relações envolvidas), a sensação de potência exacerbada (acreditando ser o professor maior responsável pela superação dos percalços na rotina escolar) ou sensação de impotência, frustração ou distanciamento (alienação), conforme BEZERRA (2012):

Os resultados apontam primeiro para avanços e retrocessos legais quanto à normalização dos cursos de formação; segundo indicam uma representação centrada no problema de disciplina, causador da violência e não aprendizagem, o que isenta o professor de buscar conhecimentos para a melhoria do ensino;(...)

Uma tendência para superar tais dificuldades de relacionamento ocorridas na escola é a gestão democrática, conforme Pedroza (2012, p.76), que se baseia na idéia de uma escola para todos garantindo o acesso e a permanência do aluno, e, obviamente, a qualidade na educação. Para atingir tal objetivo, faz-se necessária a construção de um projeto político-pedagógico que busque essencialmente a superação das contradições da sociedade, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência social ampla, numa perspectiva mais humanista e com uma compreensão de que as relações entre os homens estão em constante mutação.

Aqui retomamos Vigotsky que nos traz a necessidade converter um reflexo agressivo de ordem inferior Duarte apud Vigotsky (2006, p.177): “em uma ação concreta de ordem superior, criativa e socialmente conectada a interesses da classe revolucionária”. Para este autor, qualquer aspecto do homem pode ser modificado pela educação a partir de condições adequadas e desde que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inconsciente individual seja envolvido como integrante da realidade histórica e material da humanidade.

3.5 Uma visão mais crítica

Em contraponto às visões balizadas, encontramos uma perspectiva mais crítica e ampla, através da temática que revelou o desejo dos docentes e licenciandos de conhecer integralmente o fenômeno da violência, pelo estudo de teorias como a histórico-cultural, como vemos em MARTINS (2010):

Observa-se que as professoras estão em processo de reflexão sobre a importância da atuação do professor no processo de sociabilidade de crianças e adolescentes, contribuindo para a formação de sujeitos históricos que possam participar mais criticamente da sociedade em que estão inseridos, até mesmo com ações que visem à superação da violência nas relações sociais

Desta forma, verificamos que os educadores, cujo desejo é compreender a totalidade do fenômeno da violência, virão a percebê-la também nas especificidades, e poderão desconstruir a concepção naturalizada segundo a qual os indivíduos nascem violentos e poderão perceber seus determinantes e a educação escolar como algo que ocorre sob condições sócio-históricas próprias aos seus respectivos meios culturais e geográficos e, principalmente, sob os aspectos econômicos daquela comunidade onde está inserida.

4. Considerações Finais

Vista a escassez de resultados com a temática da violência escolar e gênero na formação superior, buscamos, através da mudança dos descritores, encontrar alguma referência à abordagem existente na formação de professores sobre a temática violência escolar, desta vez sem referência a gênero.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Confirmando esta análise, NEVES (2008, P.49), discute o modo como a violência cuja autoria se atribui às meninas é tratada e sobre carência de pesquisas sob este enfoque:

Infelizmente, poucas pesquisas debruçaram-se sobre as formas de violência perpetradas por garotas no ambiente escolar. O tema é citado, em passant, em estudos que tratam da violência escolar em geral⁴, muitas vezes reiterando a invisibilidade da violência feminina. Esse é o caso dos grandes surveys sobre jovens no Brasil (Waiselfisz, 1998; Abramovay, 1999) que ressaltam a maciça presença masculina na autoria de atos de agressão física, de ameaça ou de intimidação no cotidiano escolar. É como se as garotas não existissem quando se trata da violência enquanto autoria e não apenas como vitimização. O discurso dominante relaciona as formas de violência escolar com o modo predominante, ou mais divulgado, de construção das masculinidades.

Verificamos que ainda há poucas produções aludindo às relações de gênero como componentes dos episódios de violência, mas há muitos trabalhos tratando isoladamente da violência escolar ou das relações de gênero, associadas ou não à formação do professor, e esta foi a maior ausência verificada em nosso inventário inicial.

Quando nos propusemos então a pesquisar trabalhos que apenas se referissem à abordagem da violência escolar na formação do docente, infelizmente tivemos a confirmação de que ainda há muito a trilhar neste caminho, e que os futuros educadores sentem-se inseguros e ansiosos por maiores discussões em seu processo formativo, não apenas no tocante à violência, mas também quanto aos aspectos gênero, educação sexual, etc. As ações educativas relatadas para o enfrentamento da violência escolar são fruto de debates desde o nível macro, por parte das políticas públicas, até as iniciativas que nascem de realidades peculiares a cada escola, e normalmente têm resultados, mas talvez a maioria tenha apenas efeitos paliativos vista a dimensão do fenômeno, no que se refere ao contexto social, histórico e econômico.

Muitas são as representações sociais sobre a violência escolar a serem percebidas, desconstruídas e que, menos inofensivas do que parecem, devem também ser mais pesquisadas e estudadas.

Toda preocupação em centralizar nas escolas as ações que possam atenuar os lamentáveis episódios de violência escolar que a mídia tem noticiado é válida, mas a função da educação e sua atuação serão tão mais exitosas quanto mais se ativerem ao seu papel de “garantir a aprendizagem de conteúdos essenciais da chamada cultura básica e possibilitar a crítica dos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conteúdos ideológicos propostos pela cultura dominante”, conforme Urt (1992, p.114), podendo desta forma viabilizar a “reapropriação do saber” que foi negada aos sujeitos dominados, pertencentes à classe social que hoje vemos efervescer, inclusive pela violência.

5. Referências

ALMEIDA, Sandra F. Conte de. SANTOS, Maria Cristina Amélia Borges. ROSSI, Tânia Maria de Freitas. 2006. Revista Psicologia Teoria e prática. Data do acesso 04/03/2015. Em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000300004

BIZERRA, Carine Camarra. 2012. Data do acesso 04/03/2015. Em: http://www2.unigranrio.br/pos/stricto/mest-letras-ciencias-humanas/pdf/dissertacoes/Dissertacao_CARINE_BIZERRA.pdf

COSTA, Rafael Fernando. Formação inicial dos professores de sociologia: uma análise de suas necessidades formativas. 2009. Data do acesso: 04/03/2015. Em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp100327.pdf>

DEBARBIEUX, Eric. BLAYA, Catherine. Violência nas escolas públicas. UNESCO, Brasília. Novembro/2002. Data do acesso: 26/02/2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>

DOBRIANKYJ, Lidia Natalia Weber. VIEZZER, Ana Paula. BRADENBURG, Olivia Justen. O uso de palmadas e surras como prática educativa. Universidade Federal do Paraná Estudos de Psicologia 2004, 9(2), 227-237. Data do acesso 26/02/2015. Em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a04v9n2>

DUARTE, Newton. Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotsky. 3ª edição revisada e ampliada. Autores associados. (coleção polêmicas do nosso tempo) v55 Campinas/2001

FELIPE, Jane (Org.). Educação para a igualdade de gênero/ Salto para o futuro. TV Brasil/MEC/Governo Federal. Novembro/2008. Data do acesso: 27/02/2015. Em: http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/163222Edu_igualdade_gen.pdf

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. “As pesquisas denominadas Estado da Arte”. Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, Agosto/2002 Data do acesso: 23/12/2014. Em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>

GOMES, Candido Alberto. PEREIRA, Marlene Monteiro. Formação do professor face da violência nas/das escolas. Cadernos de Pesquisa. 2009. Data do acesso: 04/03/2015. Em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a1039136.pdf>

LOBATO, Vivian da Silva. Concepção dos professores sobre questões relacionadas à violência nas escolas. 2006 Data do acesso: 04/03/2015. Em: http://www.researchgate.net/publication/29439384_Concepes_de_professores_sobre_questes_relacionadas_violncia_nas_escolas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LOPES, Zaira de Andrade. Tese de doutorado intitulada "Representações sociais acerca da violência de gênero: significados das experiências vividas por mulheres agredidas". USP/Ribeirão Preto/2009. Data do acesso: 20/02/2015. Em: http://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/30_05_2011_09_04_36_61.PDF

MACEDO, Rosa Maria de Almeida. BONFIM, Maria do Carmo Alves. Violências nas escolas. 2008. Data do Acesso: 02/03/2015: Em: http://www.pucpr.edu.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/189_597.pdf

MARTINS, Eni de Fátima. Violência nas escolas concepções e atuação dos professores_dissertação. 2005. Data do acesso:04/03/2015. Em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n26/v26a04.pdf>

_____. Formação de professores e violência nas escolas-tese. 2010. Data do acesso:04/03/2015.Em:http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=201706

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

PAULA. Isabel C. dos Santos de. 2006. Opinião dos professores sobre causas das manifestações de violência entre alunos do Ensino Médio. Data do acesso: 04/03/2015. Em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/2523-a-violencia-na-escola-sob-o-olhar-dos-professores>

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira Pedroza. Relações Interpessoais: abordagem psicológica. Cuiabá/2012.Data do acesso:03/05/2015. Em: file:///C:/Users/user/Downloads/relacoesinterpessoais_140912.pdf

PEREIRA, Clarissa M. GIOIA, Paula S. 2003. Formação de professores para manejo de comportamentos considerados violentos em alunos. Data do acesso:04/03/2015. Em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-55452010000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

SILVA, Hermínia. CASTRO, Leonardo Vilela. 2003. Formação docente e violência na escola. Data do acesso:04/03/2015.<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n26/v26a04.pdf>

SILVA, NilmaRenildes. Relações Sociais para superação da violência. 2006. Data do acesso: 04/03/2015. Em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/23/TDE-2006-05-25T08:48:42Z-2230/Publico/tese_revisada_para_encadernacao.pdf

STROMQUIST, Nelly P. Qualidade de ensino e gênero nas políticas educacionais contemporâneas na América Latina. 2007. Data do acesso: 04/03/2015. Em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/viewFile/28033/29832>

URT, Sonia da Cunha. Tese de doutorado intitulada "Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens" . Biblioteca Digital Unicamp. Março/1992. Data do acesso: 25/02/2015. [file:///C:/Users/user/Downloads/UrtSoniadaCunha_D%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/UrtSoniadaCunha_D%20(1).pdf)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

VASCONCELLOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, no 78. Abril/2002. Data do acesso: 04/03/2015. Em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a06v2378.pdf>